

O ENSINO/ESTUDO DO LÉXICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

Sinval Martins de Sousa Filho *
Maria de Fátima Furtado Baú **

Resumo: Neste texto, objetivamos verificar como ocorre o ensino/estudo do léxico nas aulas de língua portuguesa no Ensino Médio. Para tanto, analisamos oito planos de aula de língua portuguesa da 2ª série do Ensino Médio de uma escola da região oeste de Goiânia. Apresentamos o conceito de léxico e demonstramos como o estudo/ensino lexical é proposto nos documentos oficiais para o ensino de língua portuguesa no Ensino Médio. A metodologia empregada no estudo é bibliográfica e qualitativa. Verificamos, a partir da análise dos dados, que a professora não prioriza o estudo/ensino do léxico nas aulas de língua portuguesa, apesar de prever nos planos de aula tanto o estudo/ensino lexical quanto o estudo/ensino da sintaxe.

Palavras-chave: Ensino da língua portuguesa. Léxico. Sintaxe.

THE TEACHING/STUDY LEXICON IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES IN HIGH SCHOOL

Abstract: This study aims to verify how is the teaching/study lexicon in Portuguese language classes in high school. Therefore, we analyzed eight lesson plans of Portuguese 2nd high school grade of a school Goiania West region. This paper presents the concept of lexicon, and how the study lexical teaching is proposed in official documents. We checked with the analysis of lesson plans that the teacher does not prioritize the study/teaching syntax and not the lexicon, but it is possible at what was planned to explore both the study/lexical teaching and studying/teaching syntax. To define the work of Professor is the type of proposed activities, strategies, or how it will direct the event class because only plan shows the northern to be held. And in this article does not analyze the proposed activities or observe the realization of the planned classes.

Keywords: Teaching of the Portuguese language. Lexical. Syntax.

Introdução

Após estudar por seis meses o tema Léxico e Sintaxe em uma disciplina ofertada pelo Professor Sinval M. S. Filho, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, resolvemos colocar em prática os estudos teóricos. Para isso, decidimos fazer um estudo sobre o ensino/estudo do léxico nas aulas de língua portuguesa no Ensino Médio.

Escolhidas a escola e a turma a ser pesquisada, analisamos oito planos de aula de língua portuguesa da 2ª série do Ensino Médio com objetivo de verificar como ocorre o ensino/estudo léxico nas aulas dessa disciplina nessa etapa de ensino. Também intentamos observar se as aulas planejadas contemplam mais o ensino/estudo da sintaxe ou do léxico. Os planos

analisados correspondem à quinzena do período de 25/04/2016 a 06/05/2016.

De início, percebemos que não há nos planos a elaboração de atividades para a ampliação lexical. Essa ampliação é importante, pois, para que o aluno possa desenvolver sua competência comunicativa e sua compreensão verbal, vários fatores são importantes, dentre os quais podemos destacar a automatização dos processos lexicais, bem como sua integração no tecido textual pela construção de inferências. Esses processos mentais possibilitam o conhecimento geral sobre o tema tratado em um determinado texto, ou seja, a compreensão textual depende do conhecimento lexical.

No que concerne ao trabalho com o léxico, notamos, não só nessa escola, mas em outras e também em universidades, que, embora a aquisição do vocabulário seja parte da aprendizagem da língua, esse assunto tem recebido pouca atenção da Linguística Aplicada e foi negligenciada durante todo o período em que a fonologia e a sintaxe eram foco das pesquisas e dos trabalhos sobre ensino e aprendizagem de línguas. (SIMÕES E REI, 2015). Acreditamos que, por causa dessa postura, muito fica por ser feito com relação ao ensino do léxico. Nesse sentido, é bastante comum em nossas escolas do ensino básico ouvirem os alunos reclamarem de dificuldades consideráveis com o vocabulário, não só com relação aos textos da disciplina de Língua Portuguesa, mas tendo em vista textos de outras.

Ainda, observamos que é bem recente o investimento na produção de estudos e pesquisas que tenham como foco a aquisição do vocabulário e suas consequências no desempenho verbal dos estudantes, em especial no que refere à compreensão leitora e produção de textos de alunos do ensino médio. É comum entre nossos alunos ler um texto com um determinado assunto e entender outro completamente diferente. Do nosso ponto de vista, essa lacuna constitui um significativo problema para a escola e ao desenvolvimento intelectual dos alunos, pois, conforme afirmamos anteriormente, esses alunos apresentam dificuldades de aprendizagem em todas as disciplinas.

Felizmente, por outro lado, verifica-se um grande volume de estudos e pesquisas sobre o léxico, sobretudo estudos relacionados à aquisição lexical tanto na linguagem oral quanto na escrita. A aquisição e o desenvolvimento da competência vocabular vêm sendo objeto de muitos estudos, o que tem contribuído bastante para o debate do tema e suas consequências nos estudos

escolares (SIMÕES; REI, 2015).

O trabalho com o léxico nas aulas de língua portuguesa no Ensino Básico, em especial no Ensino Médio, nosso foco de estudo/pesquisa, pode ser realizado durante a leitura e produção textual, nos momentos de atividades relacionadas à análise linguística, seja na exploração de textos literários ou não literários ou nos textos produzidos pelos alunos, pois acreditamos que um trabalho com o léxico contribui decisivamente no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

Claro que temos consciência de que a relação entre o conhecimento vocabular e a compreensão leitora-produção textual é mais complexa do que simplesmente saber mais palavras. Por isso, vale ressaltar que, para que o domínio vocabular se transforme em capacidade de ler um texto e interpretá-lo, é preciso que o conhecimento de uma palavra seja resultado de sua aplicação em vários contextos, pois, como sabemos, as palavras têm seus significados alterados de acordo com os enunciados de que participam, do lugar onde estão inseridas.

Assim, a ampliação do domínio lexical significa a possibilidade de conhecer opções de uso da palavra em vários contextos diferentes de usos das palavras e dos enunciados de uma determinada língua. Essa possibilidade pode ser realizada pelos alunos a partir de uma mediação dos professores de Língua Portuguesa. Basta que ao elaborar e aplicar as atividades, os professores tenham como meta testar valores possíveis para um dado signo verbal, mostrando ao aluno a flexibilidade semântica das formas da língua e lhe oferecer possibilidade de praticar escolhas léxicas gramaticais, ajustadas ao seu projeto comunicativo (textos orais ou escritos) e à sua intenção de afetar o interlocutor de uma dada maneira.

Nessa ótica, vale repetir que é importante trabalhar na instrução do uso vocabular de acordo com seu contexto de uso. Dessa forma, a exploração do léxico de uma língua é um meio de aquisição/expansão de conhecimento conceitual e, como consequência desse processo de expansão, o aluno chegará à compreensão de ideias mais avançadas de um tema/texto.

Assim, rejeitamos uma visão simplista de um ensino de língua portuguesa, a qual se fundamentada apenas no saber das nomenclaturas da Gramática Tradicional (G. T.) e no uso de algumas normas eleitas por um

segmento X da sociedade. É claro que o estudo da gramática não deve ser descartado das aulas de língua portuguesa, afinal ninguém fala, lê ou escreve sem a gramática. O que queremos dizer é que ela sozinha não é suficiente para que o indivíduo possa falar e escrever de forma adequada/competente, pois, além dos conhecimentos gramaticais, o estudante precisa dominar um bom repertório lexical e, ainda, ter conhecimentos relacionados às competências linguísticas estabelecidas nos usos da língua.

De acordo com Geraldi (1997), o ensino da língua portuguesa no Brasil começou a ser reformulado nas décadas de 60 e início de 70 do séc. XX. Antes disso, o enfoque das aulas de português recaía em sua quase totalidade em atividades pautadas na G.T. Podemos dizer, apoiados em Geraldi (1997), que somente a partir da década de 80 algumas mudanças começaram a tomar corpo nas escolas brasileiras e a anunciar uma nova perspectiva de ensino gramatical e, por consequência, de língua portuguesa.

Nessa nova perspectiva, o estudo/ensino da língua portuguesa começou a se pautar na reflexão, o que permite aos alunos refletir sobre a língua(gem), para que eles possam compreendê-la e, finalmente, utilizá-la de forma apropriada frente às diferentes situações e propósitos comunicativos. Assim, o ensino de LP tende a se consolidar em práticas interativas de uso da língua(gem), conforme aponta os PCNs (BRASIL, p. 31), uma vez que atualmente se considera que nas aulas de LP “o ponto de partida e o ponto de chegada é o uso da linguagem”.

Com essa nova visão sobre o ensino/estudo, variadas ações de reformulação começam a se desenvolver quanto às práticas de ensino. Todavia, por experiência e por comprovação a partir de estudos (Furtado Baú, 2015), sabemos que, apesar dessas mudanças, poucos avanços se efetivaram na prática, pois vemos ainda hoje o ensino da língua portuguesa centrado na G.T.

Feitas as apresentações do tema, dos objetivos e das justificativas para o estudo em questão, apresentamos, a seguir, uma revisão sobre os conceitos de léxico, sobre os estudos do léxico e sobre as propostas para potencialização de atividades de ensino-aprendizagem contidas nos documentos oficiais da educação escolar brasileira. Como dissemos, fazemos esse levantamento com vistas a refletir sobre as visões tradicionais e contemporâneas dos temas

apresentados. Na sequência, fazemos uma breve contextualização do local da pesquisa, demonstramos a análise dos dados e apontamos alguns resultados advindos desta pesquisa.

Conceituando o léxico

Para Biderman (1978, 1981, 1999), o léxico nomeia e refere à realidade. Assim sendo, o léxico é o instrumento de representação da organização do mundo sensorial do homem e possui valor não absoluto. Sendo assim, ele é relativo.

De acordo com Cumpri (2012), contemporaneamente, a palavra é vista como a unidade operacional básica do léxico e, assim sendo, é a unidade significativa de articulação do discurso humano e a entidade psicolinguística primordial. Dessa forma, segundo Cumpri (2012), essa definição contribui para um conceito de palavra ao mesmo tempo opaco e relativo. Opaco por ela está na fronteira entre o linguístico e o extralinguístico e relativo por variar de língua para língua. Assim sendo, torna-se difícil definir e classificar o léxico de uma determinada comunidade linguística, além de não ser uma tarefa rápida ou fácil. Cumpri (2012) também considera que é por meio do léxico que registramos o conhecimento do universo e, por isso, ele é um sistema aberto que engloba o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Nesse sentido, o léxico constitui um tesouro cultural abstrato.

Ainda conforme Cumpri (2012), o homem, ao categorizar e nomear seres e objetos que o cercam, à medida que conhece e estrutura o universo do qual é parte integrante e determinante, gera o léxico das línguas naturais que se processa por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos. Desse processo, estabelece-se o dicionário de uma língua, entendido por Cumpri (2012) como um acervo lexical e cultural de um povo, como signos lexicais frutos da cultura dos falantes dessa língua.

Para Basílio (2011), o léxico tem sido definido de vários modos, seguindo diferentes pressupostos teóricos que vão desde a concepção clássica (léxico como conjunto de palavras de uma língua) às definições mais técnicas,

que, segundo a referida autora, variam de acordo com os interesses cambiantes de abordagens teóricas/ou descritivas de uma certa época.

Expandido o conceito mencionado, Basílio (2011) afirma ser o léxico concebido como um sistema de formas simbólicas que evocam conceitos, formas utilizadas na construção de enunciados. Mais do que um conjunto de formas, portanto, o léxico é um sistema que contém e (re)produz formas na medida das necessidades dos usuários da língua no que se refere à representação conceitual e à construção de enunciados para fins de comunicação. Assim, de acordo com a autora, é importante que se pense numa proposta que dê conta da multiplicidade do léxico, ultrapassando, assim, a idéia de léxico como conjunto de palavras.

Finalmente, para Brinton e Traugott (2005, p. 9), o léxico “é entendido como uma lista finita de formas historiadas e suas possibilidades de combinação”. O léxico de uma língua abarcaria, então, o conjunto das palavras lexicais e o das palavras gramaticais ou funcionais, em termos mais correntes na Linguística. É importante dizer que, segundo Brinton e Traugott (2005), essa definição do léxico se filia ao Funcionalismo, o qual concebe a linguagem como um instrumento de interação social. Para os autores, os linguistas que adotam essa abordagem alimentam o interesse de investigação linguística para além da estrutura gramatical e, sendo assim, buscam no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.

A seguir, tendo em vista esse aparato teórico sobre o léxico, refletimos como os documentos oficiais lidam com o conceito de léxico e quais são as atividades escolares sugeridas para o trabalho com o léxico em sala de aula.

O estudo do léxico e as propostas dos documentos oficiais

Quanto ao Ensino Fundamental, o estudo/ensino de léxico vem descrito/sugerido nos PCNs nos objetivos gerais do ensino da língua portuguesa. Os PCNs afirmam que a “ampliação do léxico e de suas perspectivas redes semânticas” são um dos objetivos da disciplina língua portuguesa (BRASIL, 1998, p. 32,33). Esse documento, ao tratar dos critérios para a sequenciação dos conteúdos, alerta para o quanto “a seleção lexical”, entendida como “maior ou menor presença de vocábulos de uso comum, maior

ou menor presença de termos técnicos”, é importante para que o aluno possa desenvolver cada vez mais sua competência linguística e comunicativa (BRASIL, 1998, p. 37). Esse alerta ganha reforço quando o documento assinala a importância do ensino do léxico: “alguns fatores tornam a exposição sobre determinado assunto uma atividade mais ou menos complexa para o sujeito: a familiaridade com o gênero, a maior ou menor intimidade com a plateia, as exigências da seleção lexical, as exigências projetadas pelo tema” (BRASIL, 1998, p. 38).

Para não ter dúvidas da importância do trabalho escolar com o léxico, os PCNs apontam que “a seleção apropriada do léxico em função do ensino do eixo temático” deve ser um dos eixos do trabalho com a produção textual. (BRASIL, 1998, p. 37).

Especificamente para o Ensino Fundamental, os PCNs apresentam dez atividades direcionadas à ampliação do repertório lexical dos alunos:

1. Observação do fenômeno da variação linguística no nível lexical;
2. Uso de nominalização como recursos para criação de expressões alternativas (uma com substantivos e adjetivos primitivos e outra usando nominalização deverbal ou deadjetival, uma com frase nominal e outra com frase verbal);
3. Ampliação do repertório lexical para escolhas adequadas de sinônimos, hiperônimos e hipônimos;
4. Escolha do léxico segundo a modalidade e o grau de formalismo do texto;
5. Reconhecimento de que as palavras se organizam em conjuntos estruturados ao longo de um texto;
6. Conhecimento das propriedades argumentais e semânticas de itens lexicais, sobretudo de verbos;
7. Emprego adequado de regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões e gíria;
8. Elaboração de glossários;
9. Identificação de palavra-chave; e
10. Uso de dicionários durante as aulas (BRASIL, 1998, p. 61-62).

Os PCNs ainda apontam descrições de procedimentos pedagógicos a

serem adotadas especificamente para o ensino do léxico, apresentando algumas atividades que requerem do professor a constituição de corpus, de banco de atividades para análise linguística e de criação de exercícios a partir dos textos escritos pelos alunos. Essas descrições sugerem, como podemos perceber pela lista apresentada, alguns tipos de exercícios que o professor pode utilizar em sala de aula sem muitas dificuldades (BRASIL, 1998, p. 84 e 85).

É importante lembrar que os PCNs afirmam que “esses procedimentos precisam ser incorporados à produção textual”. Essa incorporação de atividades de análise linguística está de acordo com as ideias defendidas por Geraldi (1997), quando este afirma que o texto deve ser o ponto de partida e de chegada do ensino da língua portuguesa.

De acordo com os PCNs, o léxico tende a ser trabalhado mediante a elaboração de resumos, de paráfrases e também durante a refacção de textos. Essas atividades também estão de acordo com o que defende Geraldi (1997), já que, para esse estudioso, a reescrita de texto é de suma importância para o estudo/ensino da língua portuguesa, sobretudo porque também atua na ampliação do repertório lexical dos alunos. Geraldi (1997) considera que as aulas de língua portuguesa devem partir não somente dos textos bem escritos, mas também dos textos dos alunos, principalmente daqueles que apresentam problemas, pois, dessa forma, segundo esse autor, pode-se fazer uma reflexão linguística no momento de refacção das produções dos alunos, inclusive das escolhas lexicais.

Já nos documentos oficiais para o Ensino Médio, como no PCN +, ao tratar da língua como organismo vivo que obedece aos usos e as necessidades de seus falantes, e que também recebe influência de outras línguas, bem como da diversidade linguística, sugerem que:

Pode-se trabalhar esses conceitos, por exemplo, pelo levantamento do léxico da informática, pelo estudo e discussão das possibilidades de uso de termos similares do português. Ou ainda, pelo levantamento do léxico e da sintaxe de grupos sociais determinados (rappers, jogadores de R.P.G, esquertistas, surfistas, músicos). (BRASIL, 2006, p. 66).

Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, quando são tratados

os eixos organizadores das atividades de Língua Portuguesa no Ensino Médio – análise dos fatores de variabilidade e das (e nas) práticas de língua(gem), aponta-se o léxico como importante estratégia textualizadora do texto. Assim, o referido documento sugere que se deve usar os recursos linguísticos em relação ao contexto em que o texto é construído (elementos de referência pessoal, temporal, espacial, elementos de referência pessoal, temporal, espacial, registro linguístico, grau de formalidade, seleção lexical, tempos e modos verbais). Nessa sugestão, fica evidente a importância dos estudos do léxico nas aulas de língua portuguesa.

Quanto ao Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás de Língua Portuguesa, percebemos que o estudo da língua materna está pautado em quatro eixos: oralidade (fala/escuta), prática de leitura, prática de escrita e análise linguística. Esse documento propõe o estudo da análise linguística a partir de alguns gêneros textuais (entendidos como conteúdo a ser trabalhado em cada bimestre). Porém, o estudo/ensino do léxico como estratégia textualizadora, ou seja, o léxico usado como recurso linguístico, em relação ao contexto em que o texto é constituído, seja durante a prática de leitura ou produção textual, bem como durante a análise da língua, não aparece nesse documento de forma clara.

Como consequência dessa ausência de indicação do trabalho com o léxico nos documentos de referência, também não aparecem nos planos de aula dos professores atividades direcionadas ao trabalho com o léxico, já que os professores da rede estadual são obrigados a reproduzir as expectativas de aprendizagem (objetivos) e conteúdos conforme consta nas planilhas do currículo de referência, as quais são obrigatoriamente feitas quinzenalmente.

Diante disso, o professor precisa ter seu plano de aula replanejado para que o léxico seja contemplado nas aulas de língua portuguesa. Contudo, sabemos que ocorre em grande parte das aulas de língua portuguesa um ensino ainda centrado na G.T e desvinculado do contexto de uso da língua(gem). E, ao que parece, a ausência da indicação de outras atividades no currículo de referência legitima o modo clássico de trabalho docente do professor de língua portuguesa.

O local da pesquisa

O colégio onde foi realizada essa investigação está situado na região Oeste de Goiânia - Goiás, onde a pesquisadora Furtado Baú atua como coordenadora pedagógica no período matutino.

A referida escola está localizada no Bairro Goiá. Essa instituição escolar atende também os bairros vizinhos: Solange Parque, Buena Vista, Araguaia Parque, Carolina Parque, São Marcos, Serra Azul, Condomínio João Braz, Tropical Verde, Beatriz Cristina, Parque Paraíso, Condomínio Anhanguera, Jardim das Oliveiras, Jardim das Rosas.

Atualmente, essa escola atende a 865 alunos, distribuídos nos turnos da manhã (477 alunos), da tarde (236) e da noite (152). E oferece as seguintes séries: 6º, 7º e 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e 1ª, 2ª e 3ª Séries do Ensino Médio. O Ensino Fundamental só funciona no turno vespertino e o Ensino Médio nos turnos matutino e noturno. Na escola trabalham 80 profissionais distribuídos nas funções de servidores gerais, professores, equipe gestora e técnicos. No turno matutino funcionam 12 salas de aula; no vespertino, 07 turmas; e no período noturno, 05 turmas. O quadro docente é composto por 44 professores, ressaltando-se que alguns exercem funções na biblioteca e outros nos laboratórios de informática e ciências.

O corpo administrativo é composto por uma diretora, seis coordenadores (dois em cada turno) e uma secretária. É uma gestão democrática e participativa, o que possibilita um trabalho unificado, com o objetivo de crescimento mútuo e da promoção de um ensino de qualidade.

É uma escola que ainda não possui grêmio escolar e nem há discussão para a implantação do mesmo. Há a ocorrência de assembleias bimestrais. Nessa escola, ocorre reunião bimestral com os pais, com a finalidade de discutir o rendimento dos alunos, disciplina, projetos e outras questões relacionadas ao processo ensino e aprendizagem dos alunos.

No que se refere à estrutura da escola, o prédio possui uma biblioteca, um laboratório de ciências, um auditório, doze salas de aula, uma secretaria, uma sala da diretoria, duas salas de coordenação, uma sala de professores, uma cozinha, um pátio coberto, um almoxarifado, banheiros masculino e feminino dos professores, banheiros masculino e feminino dos alunos. É importante ressaltar que essa escola ainda não tem quadra esportiva.

Os recursos audiovisuais existentes na escola são: três televisores, dois datashows, uma tela de projeção, um computador na sala da coordenação, três computadores na secretaria e três notebooks para uso dos professores em sala de aula.

Quanto aos recursos financeiros, a escola passa por um momento crítico, não tendo nem mesmo condições para reprodução de material didático, como simulados, avaliações, atividades entre outros da mesma natureza, o que influencia decisivamente nos trabalhos dos professores, principalmente os de língua portuguesa que trabalham com textos diariamente.

Outro problema enfrentado pelos professores e alunos é a falta de um funcionário qualificado para trabalhar na biblioteca. Geralmente a pessoa que ocupa essa função não desempenha o papel de bibliotecário, que seria o esperado para o atendimento a comunidade escolar. Assim, o funcionário alocado na biblioteca acaba sendo apenas um “vigiador” de livros.

Análise de planos de aula

Analizamos oito planos de aula de língua portuguesa do Ensino Médio, com o objetivo de verificar como ocorre o ensino/estudo do léxico nessa etapa de ensino. Os planos analisados correspondem à quinzena do período de 25/04/2016 à 06/05/2016.

A primeira e a segunda aula têm como expectativas de aprendizagem (objetivos) ler artigos de opinião e contos literários, utilizando diferentes estratégias de leitura, como mecanismos de interpretação de textos: formular hipóteses (antecipação e inferência), verificar hipóteses (seleção e checagem); os conteúdos são os contos literários. Entretanto, as metodologias utilizadas na primeira aula são a leitura e análise do conto “Um capricho” e a avaliação o interesse na participação na aula. Enquanto que, na segunda aula, as metodologias de ensino são aula expositiva e discussão sobre os temas tratados no conto e a avaliação da participação na discussão e análise do texto apresentado.

A terceira aula tem como expectativas de aprendizagem (objetivos) refletir sobre o emprego dos discursos direto, indireto e indireto livre, distinguindo as falas do narrador e das personagens no conto literário e refletir

sobre os elementos do conto literário (enredo enxuto, poucos personagens, ação em um único espaço ou em número reduzido de lugares, etc.). Os conteúdos são os contos literários. A metodologia de ensino é aula expositiva sobre as características do gênero em estudo e a avaliação do interesse do estudante na atividade proposta.

Na quarta e quinta aula as expectativas de aprendizagem (objetivos) são refletir sobre os elementos do conto literário (enredo enxuto, poucos personagens, ação em um único espaço ou em número reduzido de lugares, etc.) e refletir sobre a variação linguística nos gêneros em estudo. Os conteúdos são os contos literários. Todavia, a metodologia de ensino da quarta aula resume-se à atividade do livro didático, a avaliação é a resolução de atividades. Já na quinta aula, a metodologia de ensino centra-se na correção da atividade proposta na aula anterior e a avaliação privilegia o interesse do aluno na atividade proposta.

A sexta e a sétima aula têm como a expectativa de aprendizagem (objetivo) refletir sobre o Realismo/Naturalismo em suas dimensões histórica e linguístico-social; os conteúdos são os contos literários; a metodologia de ensino é o seminário (atividade em grupo) e a avaliação centra-se no interesse e na participação da atividade proposta.

Na oitava aula as expectativas de aprendizagem (objetivos) são refletir sobre o emprego do adjetivo na caracterização das personagens e dos espaços no conto literário, refletir sobre o emprego dos discursos direto, indireto livre, distinguindo as falas do narrador e das personagens do conto lido em estudo; os conteúdos são os contos literários; e a metodologia, o seminário (atividade em grupo) e a avaliação do interesse e participação na atividade proposta.

É importante observar que a professora, provavelmente por desatenção, colocou como eixo temático: Período de Intensificação da Aprendizagem (PIA), porém ainda não está ocorrendo esse período, ela tinha como opção de acordo com suas expectativas de aprendizagem os eixos: prática de análise da língua, prática de escrita, prática de leitura e prática da oralidade. O PIA (Programa de Intensificação da Aprendizagem) é um programa de recuperação instituído pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás que inicialmente era oferecido aos estudantes em todos os bimestres, mas atualmente ele ofertado

semestralmente.

Observamos nesses planos e nas aulas pensadas pela professora que ela não tem como foco o estudo da sintaxe, porém isso não significa que durante o evento da aula o estudo da sintaxe não seja contemplado. O que afirmamos é que os dados (planos) nos mostram que a professora não centra suas aulas somente no estudo da sintaxe. Percebemos também que o ponto de partida de sua aula é o texto e as metodologias são a leitura e a análise do conto 'Um capricho'. Isso está de acordo com Geraldi (1997), que defende que o texto deve ser o ponto de partida e de chegada para o estudo da língua portuguesa. Porém, não fica claro se a professora contempla o estudo/ensino do léxico, pois, nos planos, ela não faz referência explícita de um estudo lexical. Não obstante a situação registrada, fica subentendido que esse trabalho poderá ser realizado na quarta e quinta aula, pois, nas expectativas de aprendizagem, a professora lista que tem a intenção de "refletir sobre a variação linguística nos gêneros em estudo". Sabemos que, para que haja uma boa reflexão no que se refere à variação linguística, deve haver na sala de aula uma reflexão sobre o léxico da língua, bem como uma possível ampliação lexical dos usuários da língua.

Também é possível realizar um trabalho com o léxico na quinta aula, na qual a professora descreve como expectativa de aprendizagem refletir sobre o Realismo/Naturalismo em suas dimensões históricas, linguística e social, pois, quando se propõem uma discussão do Realismo/Naturalismo, levando em consideração suas dimensões históricas, linguística e social, isso significa dizer que o estudo do léxico torna-se importante para que os alunos compreendam a linguagem, o estilo dessas escolas literárias.

Podemos dizer, portanto, que, mesmo que a professora não tenha mencionado, nas expectativas de aprendizagem, nos conteúdos e estratégias de ensino é possível abordar questões referentes ao léxico praticamente em todas as aulas. E isso só é possível, a nosso ver, porque a professora tem como ferramenta de ensino o texto.

Por outro lado, a não explicitação nos planos de aula de questões relacionadas ao estudo lexical deixa evidente que a professora não tem um plano elaborado que contemple especificamente o estudo do léxico. Acreditamos que isso ocorra porque tanto as expectativas de aprendizagem

quanto as escolhas dos conteúdos a serem ministrados em cada bimestre já vêm definidas nas planilhas enviadas pela Secretaria de Educação para as escolas. O que poderia ter sido realizado pela professora, para que o estudo do léxico fosse contemplado nos planos de forma explícita, seria colocá-lo na metodologia de ensino, ou seja, o léxico enquanto mecanismo de análise e reflexão linguística nos momentos de leitura/análise e produção textual, pois, nas planilhas, o professor tem autonomia de colocar apenas a metodologia de ensino e o tipo de avaliação da aprendizagem dos alunos.

Percebemos que, embora a professora tenha partido do texto para ensino/estudo da língua portuguesa em oito encontros/aulas, ela trabalhou apenas um único conto. Acreditamos que isso ocorreu devido à dificuldade de produção de material didático a partir de fotocópias, já que a escola na qual essas aulas foram ministradas passa por sérios problemas financeiros e a reprodução de material (fotocópias) não ocorre. Porém, essa escola possui uma biblioteca com um bom acervo de livros literários, os quais poderiam ter sido utilizados pela professora. Além disso, a professora poderia ter solicitado aos alunos pesquisas na Internet.

Como nossa análise se ateve somente aos planos de aula, não podemos afirmar que a professora, nos momentos de interlocução ou nos tempos-espço de aulas, não tenha dado enfoque ao estudo do léxico. Podemos sim dizer que a aula é um evento que envolve outros interlocutores e, dessa forma, pode ir além do que foi planejado. Assim, podemos supor que alguns objetivos/expectativas de aprendizagem podem ter sido superados e que os planos constituem apenas um norte do trabalho a ser realizado. Dessa forma, acreditamos que, mesmo que os planos não tenham dado ênfase ao ensino/estudo do léxico, é possível que no momento da realização da aula alguma atividade lexical tenha sido feita na sala de aula.

Para ir além do plano e enfatizar as interações, que se dão sobretudo no uso léxico-gramatical da língua, o diferencial pode ser a ênfase dada à sintaxe ou ao léxico, ou aos dois, na constante produção de efeitos variados de sentidos decorrentes do uso da língua portuguesa. Portanto, para afirmarmos com certeza que houve um foco nos aspectos do léxico nas aulas planejadas, o ideal seria a análise também das atividades propostas pela professora, porém, devido ao fechamento do bimestre, a professora não disponibilizou de tempo

para uma conversa para que ela pudesse relatar como foram realizadas as atividades durante essa quinzena ou para que a pesquisadora acompanhasse aulas ministradas. Dessa forma, os únicos dados disponibilizados foram os referidos planejamentos descritos e analisados globalmente nessa seção.

Considerações Finais

Ao longo do texto apresentado, esperamos ter deixado claro que o estudo/ensino da língua portuguesa tem modificado-se um pouco no que refere ao ensino/estudo da língua, que os professores dessa disciplina parecem ter consciência de que um ensino centrado só na G.T não contribui para que os alunos dominem a língua, a leitura e a escrita de forma competente.

Percebemos também que o texto passou a ser visto como ferramenta de ensino da língua, até mesmo porque é uma exigência que ele conste nos planos quinzenais dos professores das escolas de Goiânia. Porém, como procuramos demonstrar, o que ainda faltam são as estratégias de se trabalhar a língua materna a partir do texto, pois o fato de ter o texto como ponto de partida e de chegada não significa que o aluno vai aprender, por exemplo, a lidar com léxico e sintaxe ou léxico e gramática sem uma mediação séria e competente por parte do professor de LP. Vale destacar que o processo ensino-aprendizagem exige um conjunto de fatores: a escolha dos textos, das estratégias, das atividades propostas, da mobilização da turma para o estudo e a reflexão, ou seja, o modelo de aula que se ministra também tem que ser (re)pensado, (re)organizado, para que ela saia da mera dissertação/metalinguagem sobre os textos e vá para a reflexão do texto, não somente uma reflexão da temática do texto, mas uma reflexão sobre a língua(gem) que constitui e é constituída nos discursos presentes no texto.

Não adianta apenas ler um texto com os alunos e discutir a temática abordada no texto. É preciso trabalhar com o vocabulário, com os significados, com as escolhas das palavras que compõe o texto para imprimir nele um determinado efeito de sentido pensando para um determinado contexto de uso, para uma ação específica mediante a interação pela linguagem. É preciso mostrar para os alunos como léxico é importante na construção da textura do texto, na expansão das ideias, na coesão e coerência do texto. Mostrar para o

aluno que a língua é viva e, portanto, ela está em constante movimento de ampliação lexical e de (re)formulação de regras gramaticais.

NOTAS

* Sinval Martins de Sousa Filho é docente do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Área de Estudos Linguísticos. E-mail: sinvalfilho7@gmail.com

** Maria de Fátima Furtado Baú é aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG, nível Doutorado. E-mail: fatimabau@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Margarida Maria Paula. O papel da metonímia na morfologia lexical. **ReVEL**, edição especial, n. 5, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**: linguística quantitativa e computacional, Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Linguagem, códigos e suas tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999.

BRASIL, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa: 5ª. a 8ª. Série. Brasília: SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN + Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: Linguagem, códigos e suas tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRINTON, L. J.; TRAUOGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CUMPRI, Marcos Luiz. Algumas reflexões sobre léxico e gramática. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 2, v. 2, n. 1, p. 41-50, jan./jul. 2012.

FURTADO BAÚ, Maria de Fátima. **Ensino da língua portuguesa no ensino médio por meio da Pedagogia de Projetos**: Projeto Minha Autoria. Dissertação de mestrado. Goiânia: UFG, 2015.

GERALDI, **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás**. Goiânia, 2012.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Análise do Léxico na perspectiva Funcionalista. In: ALVES, Ieda Maria et al. **Estudos lexicais em diferentes perspectivas**. São Paulo: FFLCH/USP, 2009.

SIMÕES, Darcillia; REI, Claudio Arthur O. (Orgs.). Competência e léxico: uma proposta para o ensino médio. In: **Aulas de Português. O Léxico em foco**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.

Recebido em: agosto de 2016.

Aprovado em: março de 2017.